

História do Rio de Janeiro em 45 Objetos

ORGANIZAÇÃO

PAULO KNAUSS, ISABEL LENZI E MARIZE MALTA

 FGV EDITORA

JAUÁ
EDITORA

 FAPERJ

Sumário

9 INTRODUÇÃO
PAULO KNAUSS
MARIA ISABEL LENZI
MARIZE MALTA

14 IMAGEM DE SÃO SEBASTIÃO
PAULO KNAUSS

22 FÔRMA DE PÃO DE AÇÚCAR
MARIA ISABEL LENZI

30 ESQUELETO DE BALEIA
CAMILA BAPTISTA DIAS

38 ESPADA DE GOMES FREIRE
MARIA FERNANDA BICALHO

46 TRAVES DA FORÇA DE TIRADENTES
RAFAEL ZAMORANO BEZERRA

54 CACHIMBO DE BARRO
MARIZA SOARES E CLAUDIO HONORATO

- 60** MOEDA PATAÇÃO
PAULA ARANHA
- 68** SINO DO ABRIGO DOS ÓRFÃOS
VERA CABANA
- 76** LEQUE COMEMORATIVO DO ANIVERSÁRIO DE D. JOÃO VI
JOSÉ PESSÔA
- 84** PENCA DE BALANGANDÁS
JULIANA BARRETO FARIAS
- 94** BULE DE CAFÉ DA COMPANHIA DAS ÍNDIAS
CLAUDIA HEYNEMANN
- 102** PENTE TREPA-MOLEQUE
MICHELLE KAUFFMANN BENARUSH
- 110** MAQUETE DA ESTÁTUA EQUESTRE DE D. PEDRO I
SONIA GOMES PEREIRA
- 118** RODA DOS EXPOSTOS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
MARY DEL PRIORI
- 126** PINCE-NEZ DE MACHADO DE ASSIS
RENATO CORDEIRO GOMES
- 134** TERRINA COM IMAGEM DO MORRO DO CASTELO
ALINE MONTENEGRO

- 144** TRITONICON DE ANACLETO DE MEDEIROS
LUIZA MARA BRAGA MARTINS
- 152** CÂMARA FOTOGRÁFICA DE MARC FERREZ
MARIA INEZ TURAZZI
- 160** ESTANDARTES DE CLUBES ABOLICIONISTAS
HEBE MATTOS E CAMILLA AGOSTINI
- 168** RELÓGIO DE FERROVIA
CARLOS FERNANDO ANDRADE
- 176** PINHA DE FAIANÇA ESMALTADA
ANA PESSOA
- 182** MAQUETE DO THEATRO MUNICIPAL
CLÁUDIO FIGUEIREDO
- 190** FLOR POSITIVISTA
MARCOS FELIPE DE BRUM LOPES
- 198** CARTEIRA DE CIGARROS *SPORT*
RAFAEL CARDOSO
- 206** BUSTO DO PREFEITO PEREIRA PASSOS
MARIA PACE CHIAVARI
- 216** LUMINÁRIA TIFFANY EM ESTILO ART NOUVEAU
MÁRCIO ALVES ROITER

224 VITRINE USADA NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922
MARIZE MALTA

232 SAIA DE CARMEM MIRANDA
CESAR BALBI E VIVIAN FAVA

240 APARELHO DE ELETROCHOQUE
ANDRÉ LUIZ VIEIRA DE CAMPOS

248 BATUTAS DE VILLA-LOBOS
MARCIA LADEIRA E PEDRO BELCHIOR

256 CAPA-MAQUETE DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS
EVELYN FURQUIN WERNECK LIMA

264 MICROFONE RADIOFÔNICO
CLÁUDIA MESQUITA

270 RDLETA DE JOGO
AMY CHAZKEL

278 ROLA-ROLA DE FAVELA
MAURO AMOROSO

286 PEDRA LITOCRÁFICA
ROGÉRIA DE IPANEMA

294 MESA ALUSIVA AO PALÁCIO DA ALVORADA
LAURENT VIDAL

- 302** ESCULTURA-SÍMBOLO DO IV CENTENÁRIO
CYBELLE DE IPANEMA
- 310** CAPACETE DA PE
SAMANTHA QUADRAT
- 318** A BOLA DO MILÉSIMO GOL
MARIO BRUM E MONICA SANTOS DA SILVA
- 326** XÍCARAS DE CAFÉ DO ESTADO DA GUANABARA
MARIETA DE MORAES FERREIRA
- 332** BALAUÍSTRE DO PALÁCIO MONROE
GUSTAVO ALVES DO CARMO
- 340** ESCULTURA DO SAMBÓDROMO
FELIPE FERREIRA
- 348** BONECA BARBIE E SEUS AMIGOS NO RIO
CLAUDIA DE OLIVEIRA
- 356** FRAGMENTO DA PERIMETRAL
BEATRIZ KUSHNIR
- 364** VASO DE CERÂMICA TUPINAMBÁ
DINAH PAPI GUIMARAENS
- 372** ONDE ENCONTRAMOS OS OBJETOS
- 375** AGRADECIMENTOS

Introdução

Este livro se propõe a contar a história do Rio de Janeiro a partir do estudo de objetos que participaram da vida da cidade. A pesquisa procurou uma aproximação diferente da história urbana, tendo como estímulo as comemorações dos 450 anos da fundação do Rio de Janeiro. Sem o objetivo de rever a historiografia carioca, buscou-se, sobretudo, trazer à luz outras percepções e vivências dos processos sociais da cidade testemunhados por vários objetos, procurando sublinhar a diversidade da experiência urbana.

O quadro de objetos apresentados oferece um panorama abrangente da história do Rio de Janeiro, de sua fundação aos nossos dias, que se estende da imagem de São Sebastião do século XVI ao fragmento do viaduto da Perimetral que marcou a paisagem contemporânea da cidade até anos recentes. A história política da cidade se apresenta por meio de diversas peças como, por exemplo, a espada do governador colonial ou pelo capacete da Polícia do

Exército; as contradições da sociedade, por sua vez, podem ser indagadas por uma roleta de jogo apreendida pela polícia no início do século XX que evidencia nebulosas relações entre contravenção e poder no cotidiano carioca, ou ainda pelos estandartes abolicionistas que representam um capítulo das lutas sociais no Rio de Janeiro; os diversos contextos de vida social urbana são caracterizados por meio do pente de cabelo que a Marquesa de Santos usava para circular na sociedade da corte imperial, assim como a saia usada pela cantora Carmen Miranda serviu de senha para abrir as portas dos salões dos cassinos em sua época áurea, nos anos 1930 e 1940, permitindo pensar a história do entretenimento popular na cidade. Nesse universo variado de peças e temas estudados, se procura evidenciar que os objetos devem ser vistos como mais do que obras para admiração em exposições ou museus, pois evocam a experiência da vida em sociedade.

Cada capítulo do livro gira em torno de um objeto que serve a um recorte temático sobre uma época ou aspecto da história da cidade. A imagem dos objetos nos capítulos se apresenta como um convite ao leitor para provocar a interrogação histórica por meio do olhar. A intenção de relacionar o objeto e a cidade conduz a diversas abordagens que podem enfatizar as características materiais ou os usos que sustentavam a vida dos objetos, os processos pelos quais são incorporados aos museus e exposições, ou simplesmente explorar seu caráter ilustrativo. De um modo ou de outro, a condição histórica dos objetos é tratada a partir de sua inserção significativa na vida urbana.

A opção por promover a investigação histórica de objetos considerados isoladamente não teve como sentido ressaltar necessariamente sua excepcionalidade. A intenção foi antes tomá-los como agentes da história, em situação, buscando uma aproximação íntima com a vida urbana, valorizando seus acontecimentos, personagens, costumes e práticas. Esse enfoque criou a oportunidade para desenvolver uma narrativa que frequentemente se aproximou do tom de crônica, relacionan-

do o particular e o geral por meio da construção de um argumento exemplificado por cada objeto. Ao adotar essa perspectiva, este livro procura dialogar com as tradições da historiografia carioca que se consolidou em torno do gênero da crônica histórica. A solução também permite que cada capítulo seja lido de forma independente: alternando diferentes autores e estilos, o leitor pode seguir o sumário ou uma ordem aleatória, de acordo com seu interesse pelos objetos ou pelos temas.

A proposta geral tem inspiração direta no livro do diretor do Museu Britânico, Neil MacGregor, *A história do mundo em 100 objetos*, abarcando itens de várias épocas e de todo tipo, tanto os excepcionais e únicos quanto os banais e comuns. Todavia, este livro sobre o Rio de Janeiro, ao contrário do seu modelo, se concentra exclusivamente em objetos tridimensionais e móveis e ainda por ter selecionado peças de acervos de diferentes instituições e não de um único museu. Ademais, a grande maioria dos objetos pesquisados se encontra acessível ao público na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, optou-se por não explorar peças do conhecido Museu da Cidade, que foi re-

aberto recentemente e que tradicionalmente reúne o acervo identificado com a história do Rio de Janeiro. A opção buscou salientar que a história da cidade pode também ser reconhecida em outros acervos, renovando o olhar para as coleções de outras instituições não imediatamente identificadas com o estudo da história do Rio de Janeiro. Trata-se de um modo de não naturalizar o sentido dos objetos e suas leituras, e afirmar que é a interrogação que conduz a pesquisa histórica.

O livro se distingue, ainda, pela reunião de vários autores, demarcando uma colaboração entre o conhecimento produzido em diferentes espaços sociais. O compromisso com o diálogo interdisciplinar entre as tradições do campo da História, da História da Arte e da Museologia confere uma perspectiva compartilhada pelos autores.

Contudo, seguindo a trilha do autor britânico, que também inspirou outros livros, afirma-se o pressuposto da história dos objetos, considerando que eles antecedem a escrita e revelam dimensões da vida humana que o registro textual não apreende e permite reconhecer vozes não contempladas no suporte escrito. Não se pode esquecer que é a

sobrevivência das coisas que permite que os objetos antigos sejam conhecidos em nossos dias. Nesse sentido, a pesquisa buscou considerar a biografia das coisas, sob a inspiração da leitura do ponto de vista da Antropologia de Igor Kopytoff, evidenciando que os objetos trazem marcas de acontecimentos que neles se inscrevem ou sofrem deslocamentos de contextos que muitas vezes se relacionam com significados distintos atribuídos ao longo dos tempos. Um objeto, portanto, pode sugerir a construção de muitas histórias, assim como levar ao encontro de muitas outras.

Nesses termos, os objetos ganham sentido para o estudo da história urbana. Costumes e hábitos das cidades se expressam por meio de objetos de natureza diversa. As práticas urbanas conferem a eles historicidade, assim como os ambientes de seus usos constituem lugares que demarcam o espaço urbano. Ao longo dos tempos, muitos objetos tão marcantes na experiência urbana caem em desuso (uns mais que outros) ou deixam de participar da vida cotidiana da cidade. Muitas vezes, porém, permanecem cultuados em ocasiões especiais ou compondo o acervo de museus e instituições de preserva-

ção de bens culturais como vestígios do passado urbano. Expostos em vitrines, despertam a atenção dos nossos dias pelo seu valor de antiguidade que se impõe aos valores que envolveram seu desenvolvimento e utilização. Como antigos objetos de uso, tornam-se objetos de admiração; como objetos da vida cotidiana, tornam-se relíquias históricas; como remotos objetos da cultura material, transformam-se em objetos do olhar e da cultura visual. No movimento da história, os objetos se deslocam. Se no cotidiano podem chegar a ser invisíveis na sua banalidade, ou inalcançáveis nas suas qualidades excepcionais, como objetos do olhar são colocados em exposição para serem vistos por todos, mas intocados pela maioria, construindo pontes entre a cultura material e a cultura visual.

O universo da historiografia carioca é muito rico e reúne diversos inventários que tematizam possibilidades variadas de leitura da história urbana, seja na fotografia ou na iconografia; na arquitetura, na arte pública ou nos documentos escritos ou impressos. Mesmo assim, não havia até então um título dedicado ao desafio de tomar os objetos da cidade como tema de estudo

histórico, mesmo sendo o Rio de Janeiro conhecido pela riqueza de seus bens culturais e museus. Este livro preenche, assim, uma lacuna na bibliografia, oferecendo um roteiro de acervos espalhados pela cidade para serem visitados e estudados. Diante dessa riqueza de bens culturais, o mundo dos objetos nem sempre é claramente compreendido no campo do patrimônio cultural urbano, predominantemente identificado com os bens materiais imóveis relacionados com a arquitetura e o urbanismo e eventualmente com a escultura pública. Estudar os objetos do Rio de Janeiro pode ser uma contribuição para afirmar uma noção ampliada de patrimônio cultural urbano, estimulando novos olhares sobre acervos e coleções estabelecidas capazes de gerar novas leituras da história e da cidade.

Procurou-se valorizar esse ponto de vista sobre a cidade por meio dos objetos do Rio de Janeiro apresentados neste livro. Portanto, os objetos foram selecionados de modo a representar a diversidade da experiência urbana do Rio de Janeiro. Essa variedade se expressa tanto nas várias épocas abordadas – do período colonial aos tempos recentes, passando pelo

Império e pela *Belle Époque* – como no caráter plural dos objetos reunidos. Estes incluem desde peças raras ou excepcionais pelas suas qualidades materiais ou formais nobres a peças prosaicas do cotidiano, feitas a partir de materiais comuns. Há um painel de objetos com inserções sociais muito variadas, próprios do mundo da religião ou do trabalho, por exemplo, que se relacionam com a multiplicidade de atores sociais da cidade (por gênero, classe social etc.) ou ainda situados em espaços sociais diferentes, como engenhos e favelas, entre outros. O Rio de Janeiro vive em todos estes terrenos e em toda esta gente e a pluralidade dos objetos pode ser caracterizada como sua expressão, compondo o ambiente construído da cidade.

Originalmente, o Vaso Tupinambá não seria o último capítulo deste livro. Contudo, entendemos que o incêndio do edifício sede do Museu Nacional e suas coleções, ocorrido na noite de 2 de setembro de 2018, pela sua repercussão e mobilização social pode ser considerado um fato urbano da história recente da cidade do Rio de Janeiro. Um livro que toma o mundo dos objetos musealizados como motivo de estudo da his-

tória da cidade não podia ser indiferente a esse acontecimento. Fundado em 1818, o Museu Nacional é a primeira instituição científica do Brasil e tem inestimável participação na vida acadêmica do país, além de ter forte presença na memória dos cariocas, pois a visita ao Museu Nacional era praticamente um programa obrigatório dos estudantes do Rio de Janeiro. Sem dúvida, a imagem do vaso tupinambá do Museu Nacional é um marco da antiguidade da ocupação territorial da região do Rio de Janeiro antes da cidade. Por outro lado, na atualidade, representa a esperança de que a reconstrução do Museu Nacional seja capaz de promover novos olhares para os museus, tendo como base políticas públicas consistentes para conservar suas coleções e aprofundar os vínculos com a vida e a memória urbanas.

OS ORGANIZADORES

BIBLIOGRAFIA

- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas. In APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas*. Niterói: EDUFF, 2012.
- MacGREGOR, Neil. *História do mundo em 100 objetos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.